

Parceria Professor-aluno na Audiovisualidade em Educação sobre Drogas

Francisco José Figueiredo Coelho¹

Luciana Bessa Diniz de Menezes²

Maria de Lourdes da Silva³

**1-3 Grupo de Pesquisa Educação e Drogas
(GPED/UERJ)**

**2 - Gerência de Extensão Curricular e Turno
Único (GECTU/SME-RJ)**

Problematizando ...

Caminhando para a segunda década do século XXI, conversar sobre drogas¹ ainda não é algo simples. Carregado de tabu e receio, o temário se revela ora doloroso, ora amedrontador. E por que isso ainda ocorre em tempos tão avançados tecnologicamente, em que aparatos tecnológicos e a comunicação por caminhos digitais é tão intensa? Se, ao estudante é facultada a possibilidade de obter informações em tempo real, por que o fantasma do receio e da

¹ O termo drogas é aqui usado numa acepção bastante ampla, alcançando todas as substâncias com potencial para alterar percepção, sensibilidade e cognição humana.

insegurança docente persiste em múltiplos contextos?

Desde a desinformação sobre o assunto ao temor da abordagem do tema ser vista como apologia ao consumo, parcela das abordagens pedagógicas presentes nos materiais (para)didáticos existentes ainda caminha de forma rudimentar na ótica de uma pedagogia da violência e do combate às drogas. Em outras palavras, ainda que o debate sobre os direitos humanos e a redução de danos tenha avançado, há uma inclinação - historicamente pautada no proibicionismo e no moralismo - para práticas pedagógicas que protagonizam a droga como o principal personagem e secundarizam o indivíduo, suas subjetividades e todo o contexto social e cultural de uso.

A introdução do tema drogas no espaço escolar é recente no Brasil e ele vem marcado por um conteúdo invariável, que articulava classificação das drogas com seus efeitos no organismo e danos do uso. Pautado na saúde, obrigatoriamente, a condição para se abordar o tema estava restrita a esse conteúdo, cuja função político-ideológica tem servido para reforçar os aspectos punitivo-repressivo atrás mencionados.

Figura 1 – É importante desconstruir os mitos e superar a pedagogia da violência associada aos debates sobre drogas nas escolas.



Fonte: <https://tinyurl.com/m84dwkfs>

Diante desse cenário, como se apropriar de ferramentas educativas que potencialmente instaurem espaços de diálogo e aprendizagem sobre o tema alimentos (por que não?), bebidas (álcool, refrigerantes, tônicos etc.), medicamentos e outras drogas? Como sensibilizar os jovens e adultos para um entendimento biopsicossocial² do consumo de drogas, fomentando o diálogo entre diferentes ciências – das naturais às humanas – e oportunizando que as experiências cotidianas possam ser compartilhadas sem prejulgamentos e segregações que violentam a identidade dos sujeitos? Em

outras palavras, como pensar em reduzir riscos e danos à qualidade de vida de nossos jovens ao invés de se preocupar com a utopia de um mundo ausente de drogas? Já parou para pensar nisso?

A relação do homem (e também de outros animais) com as drogas não é nada recente. Há milênios, o uso de drogas vislumbrando a busca ou o prolongamento das sensações de prazer e bem-estar faz parte de nossas relações com o mundo. Portanto, em pleno século XXI, a continuidade das abordagens aterrorizantes de guerra às drogas não parece ser um caminho pedagógico dos mais bem-sucedidos. Afinal, os jovens sabem que o álcool, a maconha, o chocolate e outros produtos (psicoativos ou não) geram prazer. Reproduzir a falácia “não pode, não deve” também não tem ajudado a reduzir os casos de consumo problemático com diferentes substâncias. O uso massivo das tecnologias, como o celular e os aplicativos de comunicação síncrona, só revela que nem sempre o poder deletério de um produto é notado ou desejado. E mesmo que o seja, não significa que a melhor resposta para isso implica negação, proibição, extinção. Havemos de

² *Biopsicossocial* é um conceito pensado para interligar três dimensões da existência humana: a biológica, a psíquica e a social.

construir outras formas de conviver com as drogas.

Audiovisualidades que fazem a diferença:

Entendemos que um dos caminhos para refletir sobre a questão das drogas na escola é articular os recursos digitais - de fácil acesso e gratuitos - na internet com um modelo pedagógico mais flexível e redutor de danos, promovendo debates acerca do indivíduo em seus aspectos físicos, mentais e sociais e não demonizando a droga como a causadora de todas as relações dolorosas do indivíduo com o mundo. Nesse direcionamento, a apropriação das ferramentas que envolvem imagem e som não se configura como uma solução, mas como uma tecnologia viável para que os professores e outros agentes pedagógicos proponham problematizações que ofereçam elementos para se compreender as diferentes faces do consumo de alimentos, bebidas, medicamentos, outras drogas, tecnologias e tantas outras.

Podemos tomar como exemplo o curta “Ilimitada” (<https://www.youtube.com/watch?v=nR6tseppC-U>), produzido pelos alunos do Núcleo de Arte Professor Albert Einstein, da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de

Janeiro (SME/RJ), eleito por um júri especializado como o “vídeo do ano” no Concurso de Audiovisual Tirando a Droga de Cena, edição 2019. Nesse desafio, orientados pelo professor a partir de uma pesquisa realizada em sala de aula, os alunos aproveitaram a questão do vício em tecnologia surgida em debate entre eles para contar a história de uma *youtuber* famosa que recebe diariamente pedidos inusitados de seus seguidores. Pois é! Questões atuais que problematizam a realidade desses estudantes, como apontamos. De forma muito bem-humorada, eles discutem em uma sequência de imagens em movimento questões como: *Até que ponto vale a pena viver uma vida virtual? Quais são os limites do uso da tecnologia?*

Notem que, imersa nesta experiência de elaboração de um roteiro audiovisual, o conceito de drogas ganha outras delineações, para além daquela mais conhecida que categoriza as drogas em lícitas e ilícitas. Ela abarca outra questão que afeta e muito a saúde e a vida social de milhares de jovens atualmente: o vício em tecnologia.

Outra animação curiosa, o curta “Escolha sempre a vida!” (<https://www.youtube.com/watch?v=W27ErnMTra4>), produzida por alunos do Núcleo

de Arte Grande Otelo, da Rede Pública Municipal de Ensino, foi um dos homenageados no Concurso Tirando a Droga de Cena, edição 2018. Nesse audiovisual, a família aparece como instituição importante em contraponto ao uso abusivo de álcool. Veja na cena a seguir o recurso criativo utilizado pelos alunos para retratar a questão. Eles recorrem a um balãozinho de história em quadrinhos para representar a memória afetiva e as dimensões biopsicossociais da personagem:

Figura 2 - Na animação, a família aparece como instituição importante para sensibilizar acerca do uso abusivo do álcool.



Fonte: Concurso Tirando a Droga de Cena – Acervo (2018)

O Concurso de Audiovisual Tirando a Droga de Cena é uma ação realizada desde 2001 pela SME/RJ. Diante dessa iniciativa, vale à pena esclarecer que o audiovisual por si só não

viabiliza a aprendizagem. É necessária uma série de outros fatores para a construção do conhecimento, entre eles, a mediação qualificada do professor, instigando a discussão e questionando tabus e mitos. Quer dizer, não se trata de apenas usar o audiovisual, mas de problematizá-lo em sala de aula, o que vai desde um possível debate sobre um material à possibilidade de elaboração coletiva entre o professor e seus alunos.

Um aspecto fundamental a ser acionado nesse processo é a desconstrução da premissa de que “a imagem não mente”. Ao questionar os critérios/escolhas de produção das imagens (em movimento ou não), seus interesses e fins, abre-se espaço à percepção dos elementos implicados na construção, organização e estruturação dos discursos narrativos imagéticos. E mais: o percurso de decomposição aciona os meios de (re)composição.

Conectando ideias

É importante lembrar que, mesmo não tendo sido produzido com fins educativos, o audiovisual cumpre uma função educadora e nós aprendemos com ele. O tema drogas está presente em várias peças audiovisuais, desde comerciais de televisão, passando por

campanhas governamentais, filmes e séries. Um primeiro esforço para identificar as intencionalidades e os endereçamentos dessas composições (áudio)visuais mobiliza, necessariamente, investigação acerca dos argumentos desenvolvidos, das condições de produção que permeiam tais produtos fílmicos (em movimento ou não). Significa trazer para o debate as questões consideradas no processo de seleção dos temas, da natureza da abordagem, dos elementos da edição/montagem, os quais estão envoltos nas proposições políticas que orientam a criação destas.

Isso significa que a composição audiovisual não pode ser tomada como a realidade mesma, porque não é possível desconsiderar o processo de elaboração que envolve seleção de linguagem, tecnologia, público-alvo etc. E que parte do exercício é compreender a logística própria à produção, que possa ser examinada a partir de diferentes aspectos, como a construção da verdade e da ficção, os limites entre a realidade e o arbitrário, a interferência da imagem na estruturação e na condução do pensamento, a diferença entre ver e saber.

A imagem, seja ela fixa, ou em movimento, condensa uma gama de

pensamentos, emoções e valores. Daí a importância de estarmos atentos aos discursos que elas produzem e como isso afeta a nossa relação com o mundo. É necessário ter em mente que a imagem é um recorte da realidade social escolhido para apresentar o ponto de vista de quem a produziu. Ela tem uma autoria e uma intenção de comunicação. Não significa necessariamente que seja a verdade. Aliás, por vezes podem revelar apenas um ponto de vista. E todo o ponto de vista ... revela uma vista de um ponto. Não é verdade? (se é que existe a verdade).

Para você conhecer mais:

www.educacaosobredrogas.com.br

COELHO, F. J. F.; MENEZES, L. B. D.; SILVA, M.L.; L. **Parceria Professor-aluno na Audiovisualidade em Educação sobre Drogas.** Texto de apoio do curso Audiovisualidades em Educação sobre Drogas para professores da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ). Dias 10 e 11 de setembro. GPED/UERJ: Rio de Janeiro, 2021.